

QUANTO VALE UM JOGO? UMA ETNOGRAFIA DOS EFEITOS SOCIOCULTURAIS DO ISOLAMENTO SOCIAL EM UM CLUBE DE FUTEBOL AMADOR NO BRASIL

HOW MUCH IS A GAME WORTH? AN ETHNOGRAPHY OF THE SOCIOCULTURAL EFFECTS OF SOCIAL ISOLATION IN AN AMATEUR FOOTBALL CLUB IN BRAZIL

¿CUÁNTO VALE UN PARTIDO? UNA ETNOGRAFÍA DE LOS EFECTOS SOCIOCULTURALES DEL AISLAMIENTO SOCIAL EN UN CLUB DE FÚTBOL AMATEUR EN BRASIL

Edilson de Oliveira¹, Tatiane Perucelli², Miguel Archanjo de Freitas Junior³

DOI: 10.54899/dcs.v23i87.4551

Recibido: 11/02/2026 | Aceptado: 13/02/2026 | Publicación en línea: 20/02/2026.

RESUMO

Resumo: Este artigo interpreta como as interações sociais e culturais fomentadas por práticas futebolísticas em um clube amador de Ponta Grossa (PR) foram afetadas e reconfiguradas pelas medidas de distanciamento e isolamento social durante a pandemia de Covid-19. Tratando a pandemia como “situação-limite”, a análise evidencia que a controvérsia sobre o “essencial” não se reduz ao cumprimento (ou descumprimento) de normas sanitárias, pois envolve disputas entre regimes distintos de avaliação — sanitário, jurídico, econômico e moral — e mecanismos locais de gestão do risco. A partir de etnografia realizada entre 2013 e 2022, com observação participante, diário de campo e acompanhamento de interações digitais, descrevem-se rituais e sociabilidades que estruturam o pertencimento no futebol amador, bem como as negociações práticas, conflitos e justificativas mobilizadas para interromper, manter ou retomar encontros. Os resultados apontam que o futebol amador opera como infraestrutura de sociabilidade e regulação emocional, sustentando uma economia moral do compromisso que, em contextos de crise, pode entrar em choque com protocolos formais de cuidado, produzindo arranjos ambivalentes e hierarquias de risco no interior do grupo.

Palavras-chave: Futebol Amador. Sociabilidade. Essencial. Governança do Risco. Pandemia.

ABSTRACT

This article examines how social and cultural interactions fostered by football practices in an amateur club in Ponta Grossa (Paraná, Brazil) were affected and reconfigured by social distancing

¹ Doutor em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, Paraná, Brasil. E-mail: edoliveira@uepg.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2658-8263>

² Doutora em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, Paraná, Brasil. E-mail: perucellit@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5961-120X>

³ Doutor em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, Paraná, Brasil. E-mail: mfreitasjr@uepg.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6636-8084>

and isolation measures during the Covid-19 pandemic. Treating the pandemic as a “limit-situation,” the analysis demonstrates that controversies surrounding what counts as “essential” cannot be reduced to compliance (or non-compliance) with health regulations, as they involve disputes among distinct evaluative regimes — sanitary, legal, economic, and moral — as well as local mechanisms of risk management. Based on ethnographic research conducted between 2013 and 2022, including participant observation, field diaries, and monitoring of digital interactions, the study describes rituals and forms of sociability that structure belonging in amateur football, as well as the practical negotiations, conflicts, and justifications mobilized to interrupt, maintain, or resume encounters. The findings indicate that amateur football operates as an infrastructure of sociability and emotional regulation, sustaining a moral economy of commitment that, in times of crisis, may clash with formal care protocols, producing ambivalent arrangements and hierarchies of risk within the group.

Keywords: Amateur Football. Sociability. Essential. Risk Governance. Pandemic.

RESUMEN

Este artículo examina cómo las interacciones sociales y culturales fomentadas por las prácticas futbolísticas en un club amateur de Ponta Grossa (Paraná, Brasil) fueron afectadas y reconfiguradas por las medidas de distanciamiento y aislamiento social durante la pandemia de Covid-19. Al tratar la pandemia como una “situación-límite”, el análisis evidencia que la controversia sobre lo que se considera “esencial” no se reduce al cumplimiento (o incumplimiento) de las normas sanitarias, ya que implica disputas entre distintos regímenes de evaluación —sanitario, jurídico, económico y moral— así como mecanismos locales de gestión del riesgo. A partir de una etnografía realizada entre 2013 y 2022, que incluyó observación participante, diario de campo y seguimiento de interacciones digitales, se describen rituales y formas de sociabilidad que estructuran el sentido de pertenencia en el fútbol amateur, así como las negociaciones prácticas, conflictos y justificaciones movilizadas para interrumpir, mantener o retomar los encuentros. Los resultados indican que el fútbol amateur funciona como una infraestructura de sociabilidad y regulación emocional, sosteniendo una economía moral del compromiso que, en contextos de crisis, puede entrar en tensión con los protocolos formales de cuidado, produciendo arreglos ambivalentes y jerarquías de riesgo dentro del grupo.

Palabras clave: Fútbol Amateur. Sociabilidad. Esencial. Gobernanza del Riesgo. Pandemia.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Situações de ruptura — como crises sanitárias, colapsos institucionais e outras formas de instabilidade — tornam explícito um problema recorrente da vida social: quem define o que é essencial, com base em quais critérios, e como essas definições se tornam práticas no cotidiano.

Em cenários de ameaça e incerteza, normas públicas e recomendações técnicas operam como referências centrais; contudo, a continuidade (ou interrupção) de rotinas concretas depende também de avaliações locais sobre risco, pertencimento, dever e bem-estar.

No esporte comunitário, esse dilema tende a se intensificar. Embora frequentemente enquadrado como atividade “não essencial”, o futebol amador pode operar como infraestrutura de sociabilidade, pertencimento e regulação emocional, sustentando rotinas e vínculos que os próprios agentes descrevem como terapêuticos. Em contextos extremos, portanto, o conflito não se reduz à obediência ou desobediência às regras: ele envolve uma disputa por legitimidade entre diferentes racionalidades que definem o que deve continuar, o que deve cessar e o que é “inevitável” ou “necessário”.

A pandemia de Covid-19 é mobilizada, neste artigo, como situação-limite para observar esse problema. No Brasil, o reconhecimento de emergência em saúde pública e a adoção de medidas de prevenção e controle — como quarentenas, restrições à circulação e protocolos de higiene — alteraram padrões de convivência e tensionaram práticas que dependem de encontro e presença (BRASIL, 2020). Nesse processo, consolidou-se no debate público a controvérsia em torno do “essencial”, frequentemente traduzida por uma oposição entre “saúde versus economia” e por polarizações que dificultaram a construção de consensos sobre prioridades e sacrifícios coletivos (BEZERRA et al., 2020). Pesquisas de opinião registraram, em diferentes momentos, variações na adesão ao isolamento social e percepções divergentes sobre riscos e responsabilidades (DATAFOLHA INSTITUTO DE PESQUISA, 2021).

Do ponto de vista conceitual, parte-se da compreensão de saúde como bem-estar físico, mental e social (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1998) e de qualidade de vida como percepção situada e variável do bem-estar, influenciada por parâmetros individuais, socioculturais e ambientais (NAHAS, 2017). Esse enquadramento torna pertinente observar o futebol amador não apenas como “atividade esportiva”, mas como prática social que estrutura rotinas, vínculos e formas de reconhecimento em coletivos locais.

Em Ponta Grossa (PR), as competições amadoras organizadas pela Liga de Futebol de Ponta Grossa (LFPG) foram interrompidas e retomadas sob condições variáveis ao longo de 2020, articulando decretos municipais e negociações entre clubes, dirigentes e atletas (PONTA GROSSA, 2020). Entretanto, a interrupção formal de um campeonato não esgota a vida social do clube. No circuito amador, a prática extrapola a partida oficial e inclui peladas, encontros antes e depois dos jogos, confraternizações, mutirões e relações mediadas por aplicativos e redes sociais,

compondo um ecossistema de práticas que sustenta pertencimento e reconhecimento (HINE, 2015; ZANINI, 2016).

Diante disso, este estudo tem por objetivo interpretar como as interações sociais e culturais fomentadas pelas práticas futebolísticas no Mirante Esporte Clube foram afetadas e reconfiguradas pelas medidas de distanciamento e isolamento social, enfatizando as moralidades do essencial e os mecanismos locais de avaliação e gestão do risco no futebol amador. Ao final, argumenta-se que compreender esses mecanismos é útil não apenas para a leitura da pandemia, mas também para outros contextos extremos — como desastres socioambientais — nos quais o “essencial” tende novamente a ser disputado e reclassificado no cotidiano.

METODOLOGIA

Este estudo adota a etnografia como orientação metodológica, por sua capacidade de descrever e interpretar práticas e significados a partir do ponto de vista dos próprios agentes, articulando observação participante, registro sistemático e análise interpretativa (GEERTZ, 2003; 2011; WACQUANT, 2002). A pesquisa foi desenvolvida entre 2013 e 2021, com inserções regulares em jogos, encontros e eventos associados ao Mirante Esporte Clube, além do acompanhamento de interações e circulações de conteúdos em ambientes digitais vinculados ao clube.

A construção do campo e a delimitação do objeto ocorreram em três movimentos complementares. Primeiro, definiu-se como recorte o campo futebolístico amador pontagrossense, por concentrar competições tradicionais e redes de sociabilidade duradouras na cidade (RIBEIRO JR., 2004). Em seguida, realizou-se um levantamento de literatura (artigos, dissertações, teses e livros) sobre futebol amador e sobre o contexto local, visando sustentar hipóteses iniciais, mapear categorias recorrentes e orientar estratégias de inserção. Por fim, a autorização de entrada no campo foi viabilizada por aproximação institucional e contatos com clubes filiados à LFPG, culminando na escolha do Mirante E. C. como ponto de partida para a observação.

O material empírico foi produzido por meio de diário de campo, com registros que evoluíram de descrições iniciais — úteis para mapear atores, espaços e rotinas — a descrições densas, capazes de situar ações em seus contextos, captar nuances relacionais e explicitar sentidos compartilhados (GEERTZ, 2011; ANGROSINO, 2009; BOUMARD, 1999). Além do caderno

tradicional, utilizaram-se aplicativos de notas e gravação de áudio em smartphone, recurso que favoreceu o registro em deslocamentos e no curso dos eventos, sem romper completamente a familiaridade com as práticas comunicacionais dos próprios agentes.

Considerando a centralidade das comunicações mediadas por computadores e smartphones na vida social contemporânea, incorporou-se à etnografia o acompanhamento de relações estabelecidas em redes sociais e em grupos de aplicativos de comunicação, observando como conteúdos circulam, como ausências e presenças são cobradas e como humor, memória e conflito são produzidos nesses ambientes (HINE, 2015; ZANINI, 2016).

No plano da observação sistemática, acompanharam-se jogos de duas categorias em que o Mirante E. C. participava — Divisão Especial (a partir de 15 anos) e Máster (a partir de 35 anos) — em campos da cidade e região, com predominância de partidas aos domingos pela manhã. Dado que esse padrão de horários restringe a observação de mais de um jogo por rodada, optou-se por acompanhar todas as partidas do Mirante E. C. e, a partir desse ponto de observação, analisar lógicas comuns e diferenciações entre clubes, categorias e contextos de disputa. Além das partidas oficiais, registraram-se espaços de socialização e confraternização (antes e após os jogos), amistosos, jogos-treino, peladas e eventos comemorativos, bem como mutirões de manutenção e reuniões internas.

A análise do material empírico foi realizada de forma interpretativa e manual, orientada pela frequência e relevância das práticas observadas, pela recorrência de justificativas e classificações mobilizadas pelos agentes e pela relação entre ritos, regras implícitas e disputas por reconhecimento no interior do clube e do circuito amador.

Em termos éticos, utilizam-se nomes fictícios para agentes e para o clube observado. O estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa, via Plataforma Brasil, sob CAAE 66013317.8.0000.5694 e Parecer 2.005.549 (PLATAFORMA BRASIL, 2022).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender os efeitos socioculturais das medidas de distanciamento e isolamento social sobre agentes do futebol amador em Ponta Grossa, é necessário, antes, explicitar como essas práticas são vivenciadas no cotidiano. A análise parte da noção de cultura como sistemas de significação que orientam percepções, condutas e formas de pertencimento, de modo que o futebol amador pode ser lido como um “mundo social” dotado de ritos, hierarquias e regras

implícitas (GEERTZ, 2011).

Futebol Amador como “Teia” de Sociabilidade (Antes da Pandemia)

No Mirante E. C., as peladas — jogos com caráter recreativo e menos formal do que partidas oficiais — operavam como espaços centrais de alinhamento e manutenção de vínculos. Esses encontros articulavam uma dimensão preparatória (entrosamento e avaliação de desempenho) e uma dimensão relacional: regras e equipes eram negociadas entre os próprios jogadores, permitindo que veteranos e jovens compartilhassem o mesmo espaço e que valores de respeito e admiração aos mais experientes fossem incorporados na prática. Em pesquisas anteriores no mesmo contexto, observou-se que tais encontros favorecem o estreitamento de relações e a reprodução de códigos de convivência que sustentam a coesão do grupo (FREITAS JUNIOR; OLIVEIRA, 2020).

O excerto a seguir, registrado no diário de campo, ilustra a densidade dessas sociabilidades, destacando o papel do humor, das rodas de conversa e da segmentação de tempos sociais (“sábado é do grupo; domingo é da família”) na organização das rotinas do clube:

Mesmo impossibilitado de participar do jogo, devido a uma lesão no joelho, não recusei o convite para acompanhar uma pelada entre o Mirante E. C. e o Clube Associativo “C”. Cheguei no estádio do clube, às 14:30 horas, com a partida já em andamento, observei nos bancos externos ao alambrado, jogadores com seus meiões abaixados e sujos, alguns sem chuteiras, outros com blusas sobre as camisas de jogo, dividindo algumas garrafas de cerveja e jogando truco ou assistindo à partida. Sinais de que houve uma partida anterior a do Mirante E. C. Como tratava-se de um amistoso e a relação de proximidade permitia, adentrei os portões do campo, para sentar-se com alguns jogadores no banco de reservas [...] Após o jogo todos dirigiram-se para o bar do estádio, este não apresenta nenhum atrativo que justificasse sua lotação, tratava-se de um espaço pequeno, com o teto baixo, no centro deste espaço uma mesa de sinuca ocupava quase todo o ambiente, ao entorno dela jogadores de dispunham em rodas descontraídas conduzidas por piadas e comentários jocosos. A sensação era a de que se estava em um festival de stand up comedy, no qual os jogadores revezavam-se com a palavra. Ao menos durante o período eu que durou este momento, esqueceu-se do estresse e pressões que campo acadêmico, tal efeito era buscado por muitos destes agentes, que alegavam esquecer os problemas pessoais nestes encontros. Diferente dos jogos aos domingos, onde a presença feminina era constante, nestas peladas os frequentadores eram predominantemente homens. Ao questioná-los sobre este comportamento, os jogadores justificavam alegando que sábado era o dia do grupo e domingo o dia da família [...] (DC, 21/05/2016).

Além do espaço físico, parte significativa dessas relações era mediada por tecnologias digitais. Grupos de WhatsApp surgiam, em geral, para organizar jogos e presenças, mas tornavam-se também arenas de humor, disputas simbólicas, circulação de memes, mensagens

motivacionais e comentários sobre futebol profissional. Ao longo das temporadas, esses fluxos reforçavam vínculos e produziam continuidade entre os encontros presenciais, conectando “estar ali” e “estar aqui” em um cotidiano marcado por interações híbridas (HINE, 2015; ZANINI, 2016; GEERTZ, 2010).

Os domingos, por sua vez, funcionavam como “celebração máxima” das rotinas do clube, dando sentido aos preparativos semanais e condensando expectativas e investimentos afetivos. O excerto abaixo evidencia como a ida ao campo é narrada em termos de necessidade e ritual:

Eu preciso vir aqui todo domingo de manhã. Eu bebo minha cervejinha, vejo esses “pé duro”, contamos umas mentiras, depois vou pra casa, fazer o almoço para minha família, um churrasquinho. Mas eu preciso vir aqui, é como uma religião, futebol é uma religião, meu domingo começa depois que eu saio daqui. (DC, 21/05/2016).

Em diferentes momentos de observação, especialmente em condições climáticas adversas, os agentes mobilizavam justificativas que descreviam o futebol como recurso de regulação emocional e de alívio de pressões cotidianas. Esse tipo de narrativa ajuda a compreender por que a interrupção de jogos e encontros não foi vivida apenas como suspensão de lazer, mas como ameaça a uma rotina considerada estruturante:

Nos dias chuvosos, nas manhãs frias de inverno, sempre que surgia uma oportunidade, eu questionava os agentes que faziam parte do Mirante Esporte Clube, sobre os motivos pelos quais eles permaneciam fiéis as atividades do clube. Esta foi a resposta de seu Sebastião em uma destas ocasiões, seguida por comentários de outros jogadores que completaram as afirmações desse veterano com frases como: “O futebol é minha terapia” ou “Aqui eu esqueço de todos os meus problemas”. (DC, 21/05/2016).

Antes da pandemia, o futebol amador observado configurava uma infraestrutura de sociabilidade: uma rede de práticas, encontros e símbolos que sustenta pertencimento, memória e reconhecimento. Essa teia, entretanto, também pressupõe regras implícitas e expectativas de compromisso, que se tornam mais visíveis quando a continuidade das rotinas é ameaçada por uma situação-limite.

“O Coronavírus em Campo”: Reconfigurações, Moralidades e Governança Local do Risco

No domingo, dia 16 de fevereiro de 2020, ocorreu a primeira rodada do campeonato amador divisão principal de Ponta Grossa. Dezessete clubes participaram da competição, divididas em dois grupos. De acordo com o regulamento da competição, após todos disputarem

contra todos em turno único, classificariam os quatro primeiros colocados de cada grupo para as quartas de final e posteriormente semifinais, ambas em jogos de ida e volta. Por fim, a realização de uma grande final em jogo único.

O Mirante E. C. ficou no Grupo A e pelo sorteio da ordem dos jogos, folgou na primeira rodada. Deste modo, a primeira partida acompanhada da equipe, foi o jogo fora de casa contra o Clube Empresa 1⁴, na manhã de domingo, dia 01 de março de 2020⁵. Na mesma data, houve a confirmação do segundo caso de Covid-19 no Brasil, ambos de pessoas vindas do exterior. No entanto, em nenhum momento daquela partida, ouviu-se discussões ou se quer comentários sobre o então surto de coronavírus. As conversas giravam em torno dos elencos das 17 equipes que disputariam o amador, quais os possíveis classificados etc. (DC, 01/03/2020).

Dia 07 de março de 2020, às 16 horas, no estádio do Mirante E.C., participei da última pelada antes da primeira paralização oficial das práticas esportivas em Ponta Grossa, através do Decreto N° 17.147, de 21 de março de 2020, quando houve a confirmação da prefeitura do primeiro caso de Covid-19 na cidade. (PONTA GROSSA,2020). A pelada foi organizada por jogadores do Mirante que integravam o time na categorial principal e máster em 2018 ou anos anteriores, além dos veteranos⁶ e convidados.

Além das duas funções descritas anteriormente, estas peladas tinham uma significância maior neste ano, pois em 2019 um novo presidente assumiu o Mirante E. C. Sua primeira ação no cargo foi a busca pela criação de um time mais competitivo, para tanto, jogadores que possuíam relações afetivas com o clube, mas não eram tão habilidosos (segundo os novos parâmetros) foram substituídos por outros tipos de jogadores.

Freitas Jr e Oliveira (2020) observaram nos campeonatos amadores de futebol de Ponta Grossa, motivações distintas por parte dos jogadores; havia aqueles que jogavam devido ao sentimento de identidade com o clube, às relações de amizade e rodas de sociabilidade, por amor ao futebol e devido aos benefícios ou remunerações recebidas. Para entender a relação destes jogadores com o Mirante E. C., é preciso olhar para o clube e o time. O primeiro é formado por

⁴Freitas Jr e Oliveira (2020) construíram uma tipologia dos clubes que disputaram os campeonatos amadores de futebol organizados pela LFPG. Os Clubes Empresa são aqueles que surgiram a partir de diferentes agentes em torno de uma empresa, assim sendo, carregam seu nome como escudo da equipe, estes também recebem apoio financeiro e estrutural dela, para manutenção das atividades do grupo. Além, de outros benefícios, como flexibilidade na escala de trabalho ou folgas.

⁵Não houve partida no dia 23/02/2020 devido ao feriado de carnaval.

⁶De acordo com Freitas Jr; Oliveira e Perucelli (2019) ao dirigir a palavra a um agente do campo, com idade elevada, deve-se utilizar o substantivo “veterano”, o qual tem a função de demarcar uma distinção entre “o que é ser velho” e “o que é ser veterano”. Pois no segundo caso, a ancoragem está associada às experiências de vida, posto de alguém pertencente ao campo por um longo período.

diferentes agentes (presidente, técnico, jogadores, familiares, torcedores etc.) em torno das memórias, sentimentos e relações simbólicas com o Mirante. Já os times, são formados anualmente para representar o clube.

Em anos anteriores (2013-2018), os jogadores que formavam os times, tinham como base os jogadores que possuíam relações afetivas com o clube. Não obstante, a partir de 2019, eles não foram mais convidados para formar os times que disputariam o amador, tornando as peladas, um espaço fundamental para manutenção das relações sociais e organização de estratégias, para retornar ao time em competições futuras. Neste contexto, era incerto de que modo o Covid-19 poderia impactar nas relações sociais.

Após o jogo, que terminou empatado em 3x3, conversávamos no banco de reservas do estádio, sobre quando sairia um decreto municipal “proibindo o futebol”. Nenhum dos jogadores usava máscara ou realizava qualquer distanciamento social, pois o Covid-19 ainda era visto como estrangeiro, mesmo já havendo a confirmações de 19 casos de Covid no Brasil.

O fato de um dos infectado ter viajado para Itália (epicentro dos casos na ocasião) era motivo de comentários irônicos: “Por que o cara vai para lá?”, “Só para pegar esse vírus e trazer pra nós(brasileiros!)” ou então a possível origem no vírus no mercado de animais vivos de Wuhan: “Os caras (chineses) são louco, porque comer morcego?”, seguido por outro comentário “Mas não é só isso, se fosse morcego só tava bom, eles comem tudo quanto é bicho, uns que a gente sem sabe que existe, dá nisso”, para mudar o rumo da conversa, um veterano completa “Por isso eu como carne de boi, churrasco, tem coisa melhor? Churrasco e uma cervejinha gelada”, todos riram e concordaram, em seguida convidou todos para sair do banco de reservas e ir ao bar do clube. (DC, 07/03/2020).

Ninguém esperava que o surto de Covid-19 se tornasse uma pandemia⁷ e pudesse perdurar por mais de um ano, os mais pessimistas falavam de dois ou três meses para tudo voltar ao normal. Ao longo da conversa no bar, um dos jogadores reproduziu o áudio recebido em um grupo no WhatsApp de um “infectologista” que afirmava que o Brasil poderia chegar aos 45 mil casos de Covid-19. Aquele número impressiona alguns jogadores por ser considerado exagerado, mas já demonstrava alguns princípios de alerta no grupo. Diferente da pelada realizada na semana anterior, dia 29 de fevereiro de 2020, três dias após a confirmação do primeiro caso no Brasil, onde a conversa descontraída sobre a Covid-19 prevalecia e muitas piadas eram feitas.

⁷ A pandemia foi decretada pela OMS dia 11 de março, quatro dias após a pelada.

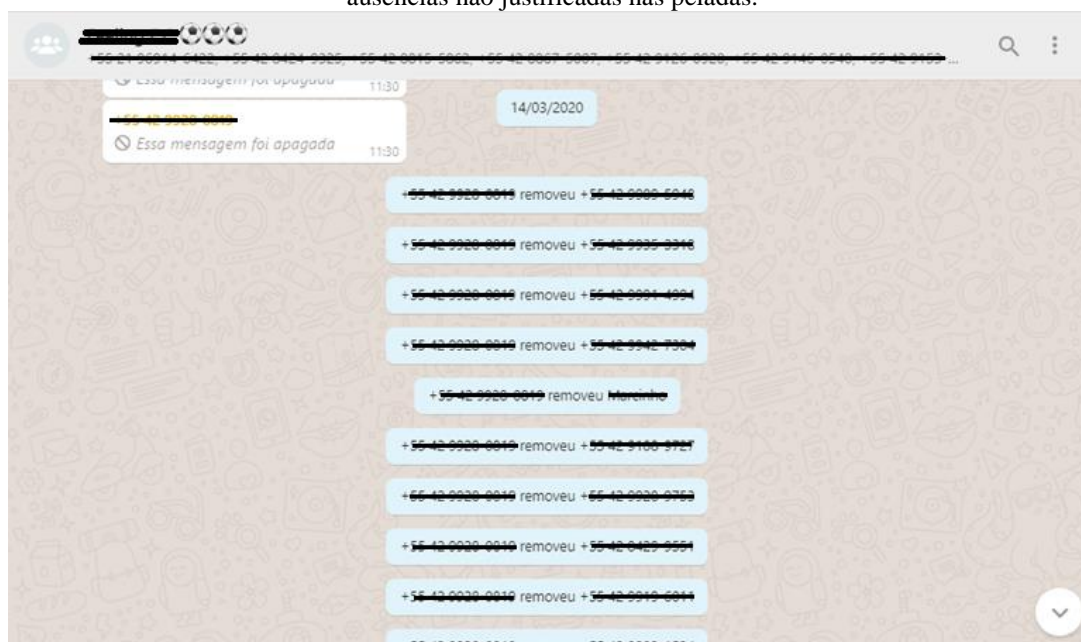
Mesmo com uma tensão maior, ainda não existe preocupações quanto ao contágio do vírus, que ainda “não se encontra entre nós”. Ao tomar algumas cervejas no bar do clube, a preocupação de todos era com a possibilidade de paralização do futebol. Alguns jogadores citavam partidas do campeonato italiano canceladas e de outros locais da Europa, mas existia um certo desejo de que ao menos a prática do futebol amador fosse mantida, pois para alguns, o problema do futebol profissional estaria nas grandes torcidas e aglomerações de torcedores. No entanto, o Covid-19 era de longe o centro da conversa, no dia seguinte seria o dia da mulher, existiam as competições futebolísticas profissionais, a segunda partida do Mirante E. C. no campeonato amador, depois da vitória fora de casa na primeira rodada [...] após algumas cervejas, despedi-me dos jogadores que ainda estavam do bar, confirmei minha presença na próxima pelada e disse até amanhã, para os que veria no estádio no dia seguinte. (DC, 07/02/2020).

Ao chegar no estádio do Mirante E. C., dia 08 de março, para acompanhar a partida, me deparei com muitos torcedores acompanhando o jogo, diferente de anos anteriores, o público era formado em sua maioria por jovens. Em uma contagem, entre jogadores de ambos os times, equipe técnica, veteranos, torcedores homens, namoradas de jogadores, esposas e filhos(as), aproximadamente 200 pessoas estavam no estádio. Fora do alambrado, um grupo de jovens fumava narguilé e um grupo de pagode afinava os instrumentos, dentro do bar do clube, a movimentação em torno da churrasqueira revelava que a “resenha” após a partida seria longa. (DC, 08/03/2020).

Com a vitória por dois gols a zero, contra uma das melhores equipes da competição, o time todo do Mirante E. C. saiu vibrante, o bar do clube ficou lotado com a entrada dos jogadores, que bebiam cervejas enquanto aguardavam o churrasco, o discurso de brigar pelo título emergiu e foi repetido por vários jogadores. Ao longo daquela tarde, o jogo da semana anterior e este foram revividos pelos jogadores da equipe através das rodas de conversa formadas. O clima de comemoração e jocosidades futebolísticas, não abriu margem para conversas sobre o coronavírus. (DC, 08/03/2020).

Na madrugada de sábado, dia 14 de março de 2020, acabei indo para o hospital devido a dores causadas por um cálculo renal. A necessidade de realizar alguns exames fez com que não fosse possível comparecer na pelada. Além das orientações para tomar cerveja e desejos de melhoras, a preocupação do grupo foi a busca de outro goleiro para me substituir, porém sem sucesso. Outros jogadores acabaram não indo na partida e o jogo não ocorreu, tal situação gerou a exclusão de vários jogadores do grupo por um dos administradores.

Figura 1 - PrintScreen do grupo do Mirante E. C. no WhatsApp, com a exclusão de vários jogadores, após ausências não justificadas nas peladas.



Fonte: Jogador (2020).

A justificativa para a exclusão de tantos jogadores foi a falta de compromisso com a equipe, porém a discussão não se estendeu, pois, devido as tensões em torno do avanço da Covid-19 no Brasil, vários jogadores manifestaram compreender os motivos das faltas.

No dia seguinte, 15 de março de 2020, fui ao estádio do Mirante E. C. acompanhar sua terceira partida pelo campeonato amador de 2020, confronto que só ocorreu devido ao acordo entre os clubes, pois algumas equipes já se recusavam a jogar devido aos rumores de casos positivados de coronavírus na cidade. No campeonato paranaense as partidas daquele domingo já seriam sem público e a federação já sinalizava para uma possível interrupção do campeonato. Entretanto o Mirante E. C. e o Clube Visitante⁸ concordaram com a realização do confronto.

Ao chegar no estádio, encontrei alguns ex-jogadores do Mirante E. C., no alambrado para assistir ao jogo, imediatamente perguntaram se já estava melhor, expliquei para alguns o contexto da pergunta e respondi que sim, que com a medicação não estava com dores. Neste momento, como já havia ocorrido em outras ocasiões, outros torcedores deram sugestões de remédios caseiros, como beber coca cola com abacaxi e chás de quebra pedra. (DC, 15/03/2020).

As orientações foram interrompidas com a saídas dos jogadores dos vestiários, ao som de

⁸ Com a popularização da competição amadora de futebol em Ponta Grossa e na região dos Campos Gerais, equipes de cidades vizinhas passaram a manifestar interesse em disputar a competição. Deste modo, por serem “de fora” os Clubes Visitantes possuíam fortes elos com a com a cidade que representavam. (Freitas Jr; Oliveira, 2020).

fogos de artifício e hino do clube. Por alguns minutos o grupo de pagode que animava o pré-jogo, também parou para acompanhar a entrada dos jogadores no campo. Novamente, mais de 200 pessoas encontravam-se no estádio naquela tarde. Crianças brincavam no entrono do estádio e as namoradas ou amigas de vários jogadores do Mirante se concentravam embaixo de uma sombra, próximos do local onde o grupo de pagode estava, com garrafas de cerveja e um narguilé. Os demais torcedores, do Mirante e do Clube Visitante, se distribuíam no entorno do alambrado. Outros preferiam ficar conversando dentro do bar do clube, o que limitava a visão do jogo.

Como tratava-se de um jogo contra o atual campeão do amador, este era um daqueles jogos absorventes (GEERTZ; 2008), para o Mirante E. C., vencer o confronto legitimaria a competitividade do time na temporada. Portanto, o clima era bastante tenso, dentro e fora de campo. Assim, mais uma vez as falas sobre o coronavírus foram quase esquecidas. A não ser para justificar a necessidade de manter a competição, mesmo com o vírus, pois um grande encontro como aquele, com um jogo de boa qualidade, muita gente prestigiando e a interação social, não poderiam ser interrompidos. Este foi o discurso que prevaleceu nas rodas de conversas durante e após o jogo. (DC, 15/03/2020).

Na manhã de quinta-feira dia 19 de março, fomos informados que a pelada do próximo sábado havia sido cancelada. Vários jogadores manifestaram-se com emoji de “positivo”, outros com mensagens escritas, como: Roberto “Já ia sugerir isso!” e Eduardo “Ótima decisão!”.

No dia anterior, 18 de março, a LFPG havia comunicado a paralisação do campeonato amador principal, por conta do avanço do coronavírus. Deste modo, nos próximos dias o grupo foi se silenciando, pois as conversas giravam em torno dos jogos da equipe ou disputas futebolísticas na cidade e campeonatos profissionais. De mensagens diárias, o grupo do WhatsApp passou a ficar dias sem qualquer mensagem.

Com o passar das semanas, a falta do futebol passou a ser externalizada pelos jogadores, como podemos observar através da mensagem de um dos jogadores no grupo: “Quando vamos voltar com o Futebol galera. Não aguento mais ficar sem jogar” (CLÁUDIO, 18/04/2020). Além da manifestação através de fotos antigas, como forma de fomentar o diálogo no grupo e relembrar jogos disputados anteriormente.

Figura 2 - Agentes que fazem parte do Mirante Esporte Clube, compartilhando fotos antigas e lembrando jogos marcantes em suas memórias, após mais de um mês de paralização da prática do futebol em Ponta Grossa, devido ao Covid-19.



Fonte: Veterano (2020).

O mesmo ocorria em redes sociais como o Facebook, nas quais agentes de outros clubes, compartilhavam em seus perfis, lembranças de partidas vivenciadas contra o Mirante E. C., revelando que o sentimento de saudade era interno (das sociabilidades no interior do Mirante E. C.), mas também externado as relações com outros clubes. Como podemos ver na imagem a seguir, postada por um agente de um Clube de Vila, mas rapidamente curtida e comentada pelos agentes do Mirante E. C.

Figura 3 - Interação dos jogadores do Mirante Esporte Clube, em um poste do jogador do Clube de Vila, que relembra uma partida realizada entre os clubes há três anos.



Fonte: Derensse (2020).

Em 22 de abril de 2020, a prefeitura de Ponta Grossa, através do Decreto N° 17.258, estabeleceu que “fica AUTORIZADO o funcionamento de clubes e associações recreativas EXCLUSIVAMENTE para eventos ou atividades personalizadas com contrato de locação de espaço, obedecidas as normas dos incisos II e III;” (PONTA GROSSA, 2020).

No dia seguinte, as 7:14 horas da manhã o decreto foi postado no grupo do Mirante, com a mensagem “Já podemos voltar nosso futebol”. Em seguida outro jogador avisa os membros do grupo de um convite realizado por outra equipe para disputa de um jogo no próximo sábado. As 7:43 horas, os primeiros jogadores começaram a se manifestar, confirmando a presença no jogo e incentivando os companheiros com frases do tipo: “Vamos lá! Estou desesperado para jogar”. Porém a realização do jogo não foi consensual entre os membros do grupo.

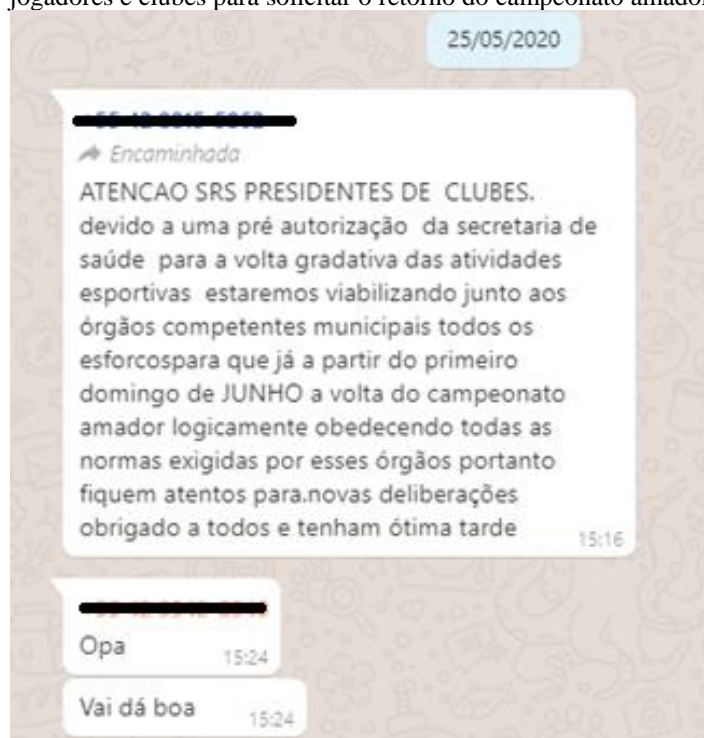
Enquanto alguns externavam a necessidade de jogar e outros ironizavam o fato de o grupo possuir vários veteranos, com mensagem como: “Nosso time tá tudo na área de risco. Vamos jogar de máscaras e luvas” (PEDRO, 2020). Outros manifestavam preocupação com o cenário da pandemia, declinando do convite. Como dois jogadores da equipe máster do Mirante e seu pai, o mais velho do grupo (com mais de 80 anos), que justificaram a não participação nos próximos jogos devido a situação, porém quando o cenário apresentasse melhoras, retornariam a compor a equipe.

Paralelamente aos jogos mais lúdicos, as discussões estabelecidas giravam em torno do

porquê o campeonato amador não retornava. Como as competições profissionais também se encontravam paralisadas, os diálogos futebolísticos eram fomentados através de memes, vídeos e figurinhas, compartilhados no interior dos grupos do WhatsApp, que faziam referência a um “desaprender” a jogar futebol, devido ao tempo parados ou então ao peso que haviam ganhado durante a pandemia.

Com a decisão da Secretaria Estadual de saúde, de autorizar os clubes profissionais com calendário nacional e que disputam o paranaense a retornarem os treinos. Surgiu uma certa esperança de retorno do campeonato amador local. Alguns presidentes dos clubes amadores começaram a se mobiliar para formalizar uma solicitação de retorno a LFPG.

Figura 4 – Mensagem de um agente do campo futebolístico amador de Ponta Grossa, mobilizando os demais jogadores e clubes para solicitar o retorno do campeonato amador.



Fonte: Jogador (2020).

Após um movimento via aplicativos de comunicação e redes sociais, um grupo de clubes associativos e sociais, juntamente com a LFPG organizaram um requerimento conjunto a Secretária Municipal de Esportes, para que fosse enviado ao Comitê Gestor da Crise para análise “com objetivo de obter autorização para voltar às atividades esportivas no âmbito do Município de Ponta Grossa”. (SALUSTIANO, 2020).

O pedido dos clubes não foi atendido pela Prefeitura, porém após a publicação do Decreto

municipal nº 17.689, de 28 de agosto de 2020, que em seu Art. 1º autorizou “a prática de esportes coletivos em locais abertos e com ampla circulação de ar” (Ponta Grossa 2020), a LFPG organizou uma reunião com presidentes de clubes para planejar o retorno da competição.

Entretanto, dentre as restrições do decreto, constavam a não autorização da presença de torcida ou familiares, a necessidade de se aferir a temperatura corporal, o não empréstimo de materiais pessoais ou uniformes, a não permissão de confraternizações (nem a utilização de churrasqueiras e bares dos clubes e campos), abertura de vestiários e a mais problemática delas, que o tempo de jogo fosse adaptado para que os participantes ficassem no local pelo prazo máximo de 1 hora. (PONTA GROSSA, 2020).

Como o futebol é realizado em no mínimo 90 minutos, surgiu uma tensão entre a LFPG, Prefeitura e clubes pró e contra o retorno, sem um alinhamento com o Comitê Gestor de Crise da Covid-19. Mesmo com este empasse, alguns clubes, dentre eles o Mirante E. C., concordaram com a realização do jogo, mesmo não cumprindo todas as restrições de Decreto nº 17.689.

Somente, dia 20 de setembro de 2020, após mais de seis meses, a competição retornou oficialmente. Nesta rodada, houve uma preocupação maior quanto aos cuidados com a Covid-19, pois não se sabia ao certo como seria a fiscalização do cumprimento das restrições presentes no decreto. No grupo de WhatsApp dos ex-jogadores do Mirante E. C. foi solicitado o nome completo e CPF para poder adentrar no estádio do clube, seja para participar das peladas ou para assistir os jogos do clube em casa. Outros clubes disponibilizaram álcool gel na entrada do estádio, porém a cada rodada, as preocupações com o contágio do coronavírus se flexibilizavam.

Na última rodada da fase classificatória, dia 04 de outubro de 2020 e nas fases eliminatórias (quartas de final e semifinais), acompanhei os confrontos do Mirante E. C. Diferente da rodada de retorno, não observei álcool gel, aferimento de temperatura ou qualquer controle da entrada de torcedores e ou familiares. Nos estádios aproximadamente 70 pessoas acompanhavam as partidas, alguns assistiram apenas o primeiro tempo outras chegaram na segunda etapa, mas este número manteve-se até o término do jogo. Vários torcedores consumiam cervejas, levadas por eles mesmos ou compradas nos mercados próximos aos estádios. A grande maioria estava com máscara, porém a maioria não a usava corretamente, alguns apenas as colocavam para tirar fotos, outros as usavam no queixo para poder beber a cerveja ou apenas a guardavam no bolso. Existiam em menor número, torcedores que buscavam espaços mais isolados para assistir os jogos.

A participação do Mirante E. C. encerrou-se nas semifinais do campeonato amador de

Ponta Grossa de 2020. O time iniciou o primeiro confronto das semifinais com apenas 10 jogadores em campo, após a confirmações de seis casos de coronavírus no elenco. No decorrer da partida, o time sofreu com a lesão de alguns jogadores e a partida foi encerrado aos 30 minutos do segundo tempo, devido à falta de jogadores por parte da equipe do Mirante E. C. Após uma derrota por 4x0 no jogo de ida (29/11/2020), o Mirante E. C. venceu a partida de volta de 4x2 (06/12/2020), com 15 jogadores presentes, porém foi eliminado no saldo de gols.

O time do Mirante E. C. não foi o único a ser afetado com os casos positivados de Covid-19. Em 27 de novembro de 2020, dois dias antes do primeiro jogo da semifinal do Mirante E. C., Ponta Grossa já havia registrado 8.891 casos confirmados de Covid-19 e 159 óbitos (Ponta Grossa, 2020). Nas conversas antes do início das partidas ou nos grupos de WhatsApp, os agentes comentavam sobre familiares, amigos ou conhecidos, que haviam contraído o coronavírus, desde assintomáticos, a casos de internação nas unidades de terapia intensiva (UTI) e óbito. Porém os diagnósticos positivos não geravam espanto nos veteranos, torcedores, jogadores e dirigentes que escolheram continuar participando das peladas e jogos do campeonato amador, pelo contrário, encaravam com certa “naturalidade” a possibilidade de se infectarem pelo vírus.

Para estes agentes, o Covid-19 não deveria ser considerado um motivo para interromper ou adiar as competições. Um exemplo desta afirmação foi o caso do Mirante E. C., que teve seu pedido de adiamento da semifinal negado pela LFPG, mesmo com inúmeros casos de Covid-19 no elenco, os quais tiveram contato com os demais jogadores do time.

O mesmo discurso de necessidade de se manter os compromissos futebolísticos foi observado nas peladas realizadas no interior do Mirante E. C. A maioria dos jogadores defendiam e participavam destes jogos com caráter recreativo. Aqueles que discordavam ou passavam longos períodos sem comparecer as peladas, eram substituídos em campo e com o passar do tempo, excluídos dos grupos de WhatsApp do Mirante E. C., como já havia ocorrido em outras ocasiões, por interpretarem a atitude como falta de comprometimento com o grupo.

Ao considerar-se este campo específico como um espaço social estruturante, mas também estruturado, em que suas ações são mais ou menos orquestradas, ou seja, onde as escolhas dos agentes sociais são ordenadas de acordo com a ordem objetiva, estes tendem de acordo com Bourdieu (1996) a reproduzi-la sem saber ou querer. Como uma das ordens deste espaço é atribuir um alto valor as competências futebolísticas, observa-se uma valorização significativa as práticas aprendidas neste espaço social. Ação que permite identifica princípios de estruturação do *habitus* destes agentes, uma vez que as configurações influenciam na forma como eles percebem e

expressam os seus valores.

O olhar para os encontros futebolísticos, como uma necessidade, pode ser compreendido ao olharmos para os objetos de disputa do campo e valores aprendidos e reproduzidos pelos agentes. De acordo com Freitas Jr e Oliveira (2020, p. 74).

No campo futebolístico amador da cidade de Ponta Grossa, encontrou-se no status ou no reconhecimento o objeto maior de disputas entre os agentes sociais. Estas disputas simbólicas ou este “jogo de status” (GEERTZ, 2008) eram combatidos coletivamente por um grupo de agentes, em torno dos símbolos de um clube de futebol e, individualmente, através da busca pela consagração e legitimação pessoal. Não obstante, estas disputas estavam imbricadas, uma vez que o status de campeão, adquirido pelo clube que vence a competição amadora, era desfrutado também por seus jogadores, e os troféus individuais de um artilheiro ou do melhor goleiro do campeonato contribuem para o aumento do status do clube que representavam.

Para conquista destes troféus e acúmulo de capital futebolístico, que permitiria alcançar as posições de destaque no campo. Os jogadores interiorizavam no contexto do Mirante E. C. algumas regras.

Para compor o grupo, alguns critérios implícitos estabeleciam-se, como saber “jogar bola” (habilidade técnica), única regra que não se aplicava ao contexto das peladas. Mas também era necessário participar de todos os encontros promovidos pelo clube (regra do envolvimento), respeitar os horários preestabelecidos (regra do horário), faltar estes encontros apenas mediante justificativa aceita coletivamente (regra do comprometimento), além de possuir um bom relacionamento com os companheiros de equipe, com os familiares que o acompanham e com os “veteranos” (regra da humildade). (FREITAS JR; OLIVEIRA; GABRIEL, 2018).

Não obstante, estas eram as regras gerais ou leis fundamentais deste espaço social. Para o agente acumular este capital específico, existia no campo segundo Freitas Jr e Oliveira (2020), uma eficácia simbólica nos sacrifícios realizados pelos jogadores, para comparecerem as peladas e jogos válidos pelo campeonato amador, tais como: renunciar a horas extras no trabalho ou faltar a alguma festividade em família devido aos jogos. Porém a principal delas, que atribuía prestígio ao jogador, era colocar o corpo a prova, não ausentando-se de um jogo após um dia/noite de trabalho, por dores decorrentes de lesões ou em caso de doenças (gripes, enxaquecas etc.).

Sacrificar-se corporalmente e prezar pelas regras pré-estabelecidas, eram práticas potencialmente convertidas em *status*, em legitimidade perante o grupo e o campo, deste modo eram encaradas pelos jogadores, principalmente os novatos, como deveres. Uma vez que, diferente de um veterano, sua posição no time, no clube e no campo futebolístico amador

pontagrossense não estava garantida.

Portanto, era necessário permanecer em campo, mesmo frente a um cenário pandêmico. Para Bourdieu (2008b), a necessidade contempla, tudo o que se entende por esta palavra, ou seja, a privação inelutável dos bens julgados necessários. Nas palavras do autor “A necessidade impõe um gosto de necessidade que implica uma forma de adaptação à necessidade e, por conseguinte, de aceitação do necessário, de resignação ao inevitável [...]”. (BOURDIEU, 2008b, p. 350).

O autor utiliza como exemplo ilustrativo, os modos distintos como um grupo com capital econômico elevado ou um grupo de operários, destinariam a quantia de dois milhões. O primeiro, poderia investir (de acordo com seu ponto de vista) esta quantia em uma festa de noivado. Ao olhar para esta ação, um operário poderia julgar como desperdício, pois haveria outros modos mais sensatos de alocar estes recursos.

A distância entre ambos, na dimensão econômica, está no fato de o operário agir sob a forma de sistemas de necessidade. O gosto por determinava roupa ou objeto, baseia-se na sua função e capacidade de atender as necessidades imediatas. Já o agente dotado de um elevado capital econômico, entende o evento como uma necessidade, não pela lógica funcionalista, mas pelos lucros simbólicos da celebração. (BOURDIEU, 2008). A mesma lógica, pode ser aplacada ao tentar compreender, os motivos pelos quais alguns agentes defendias ou não, o retorno das práticas futebolísticas amadoras.

O “Essencial” em Contextos Extremos: Aportes para Além da Pandemia

Tratar a Covid-19 como situação-limite permite deslocar o debate do nível exclusivamente normativo para o plano das práticas. O que se denomina aqui governança local do risco não equivale a negar a gravidade do evento sanitário; antes, descreve como coletivos produzem, em condições de incerteza, critérios próprios para decidir o que pode continuar, o que deve cessar e quais riscos são toleráveis.

No caso do futebol amador, a insistência em jogar — mesmo sob risco — não se explica apenas por desinformação ou irresponsabilidade individual. Ela se vincula a uma gramática local de reconhecimento e a um conjunto de valores que convertem esforço, presença e renúncia em prestígio no interior do grupo. Nesse sentido, práticas de “sacrifício” e de demonstração de compromisso operam como capital simbólico, ainda que entrem em conflito com protocolos formais de cuidado (BOURDIEU, 2002; BOURDIEU, 2008). A pandemia não cria essa lógica:

ela a expõe, a intensifica e a coloca em disputa com outras racionalidades.

Essa ampliação é particularmente relevante quando se consideram grupos de risco. No material empírico, a idade elevada, a convivência com familiares vulneráveis e a presença de comorbidades eram elementos que modulavam decisões individuais, mas não garantiam proteção coletiva. Em muitas situações, a “área de risco” era reconhecida e enunciada em tom de humor, ao mesmo tempo em que se mantinha a expectativa de presença. Esse duplo movimento — reconhecer o risco e, ainda assim, sustentar o dever de comparecer — ajuda a compreender por que protocolos tendem a falhar quando não dialogam com a economia moral do compromisso. Para alguns agentes, afastar-se significava perder lugar no time, romper rotinas terapêuticas e fragilizar pertencimentos; para outros, manter-se significava expor-se e expor a família. O resultado é uma disputa cotidiana por legitimidade, que atravessa afetos, honra, medo, cuidado e reputação.

Em outros contextos extremos, como enchentes, deslizamentos ou desastres socioambientais, dinâmicas similares podem ocorrer: coletivos persistem em práticas que consideram estruturantes, reorganizam horários e espaços e produzem hierarquias de prioridade que nem sempre coincidem com definições institucionais. Assim, a contribuição analítica deste estudo é propor que, para compreender a adesão (ou resistência) a medidas de proteção, é necessário mapear não apenas regras e infrações, mas as infraestruturas de sociabilidade que sustentam a vida cotidiana e os custos simbólicos e emocionais associados a interrompê-las.

CONCLUSÃO

Este artigo interpretou como práticas e interações associadas ao futebol amador foram afetadas e reconfiguradas durante a pandemia de Covid-19, tomando o caso do Mirante Esporte Clube, em Ponta Grossa (PR), como ponto de observação etnográfico. Ao mobilizar a pandemia como situação-limite, evidenciou-se que a controvérsia sobre o “essencial” envolve disputa entre regimes de avaliação (sanitário, jurídico, econômico e moral) e que a continuidade das rotinas depende de processos locais de negociação do risco.

Os resultados indicam que, para parcela significativa dos agentes, o futebol amador opera como infraestrutura de sociabilidade, pertencimento e regulação emocional. Essa função social sustentou justificativas para manutenção ou retomada de encontros e produziu arranjos práticos de adaptação, bem como dispositivos de cobrança e sanção mediados por tecnologias digitais.

Em paralelo, a heterogeneidade do grupo — especialmente por idade e exposição familiar — introduziu dissensos e afastamentos, revelando que o reconhecimento do risco não se converte automaticamente em ação coletiva de proteção.

Como contribuição, o estudo propõe a noção de governança local do risco para descrever como coletivos esportivos traduzem normas e recomendações em práticas, negociando cuidados, redefinindo limites e produzindo moralidades do compromisso. Ao extrapolar a pandemia, sugere-se que o mesmo enfoque pode iluminar dinâmicas de continuidade e reclassificação do “essencial” em outros contextos extremos, nos quais práticas comunitárias tendem a sustentar a vida cotidiana mesmo sob ameaça.

Por fim, ao invés de tratar o futebol amador apenas como problema de aglomeração ou como atividade “não essencial”, a análise indica a necessidade de reconhecer sua densidade sociocultural e seu papel na vida cotidiana dos agentes. Esse reconhecimento não elimina o risco, mas permite compreendê-lo de modo mais realista: como objeto de disputa e negociação prática, no qual decisões coletivas se ancoram em valores, rotinas e vínculos preexistentes.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BEZERRA, A. C. V.; SILVA, C. E. M.; SOARES, F. R. G.; SILVA, J. A. M. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 2411-2421, jun. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9g4hLHkSSW35gYsSpggz6rn/?lang=pt>. Acesso em: 02 nov. 2021.

BOUMARD, P. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas. **Revista de Psicologia Social e Institucional**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 1-6, 1999.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 9. ed. Campinas: Papirus, 2008.

DAOLIO, J. **Cultura**: educação física e futebol. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

DAMATTA, R. et al. **Universo do Futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

DATAFOLHA INSTITUTO DE PESQUISA. **Pesquisa Nacional**: Pandemia e Vacina. São Paulo: Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2021/01/26/b212555312706e10691cf0ef9a8c981be.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2021.

DO RICO AO POBRE. **Por dentro da história:** Relembre todos os campeões da Liga de Ponta Grossa. Ponta Grossa: DRAP, 2020. Disponível em: <https://www.doricoaopobre.com.br/2020/05/amador-pg-por-dentro-da-historia.html>. Acesso em: 16 mai. 2020.

FREITAS JUNIOR, M. A.; OLIVEIRA, E. O futebol amador em Ponta Grossa/PR: uma análise da dimensão simbólica e instituinte do ritual de preparação para os jogos do Mirante Esporte Clube. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 122-145, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2526-4494.3.3.122-145>. Acesso em: 06 ago. 2021.

FREITAS JUNIOR, M. A.; OLIVEIRA, E. **Redescobrimo o sentido do jogo: uma etnografia da cultura futebolística no mirante esporte clube**. Brasília: Trampolim, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/outros/programa-academia-futebol/livros/livro-7_tagore_impressao.pdf. Acesso em: 28 fev. 2022.

GEERTZ, C. **O saber local:** novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

GEERTZ, C. **El antropólogo como autor**. Barcelona: Paidós, 2010.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>. Acesso em: 02 nov. 2021.

GUEDES, S. L. Lógicas da emoção. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 51, 2003. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/5595/15995.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01 nov. 2021.

HINE, C. **Ethnography for the internet:** embedded, embodied and everyday. Huntingdon: Bloomsbury Academic, 2015.

NAHAS, M. V. **Atividade Física, Saúde e qualidade de vida:** conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. Florianópolis: O autor, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Promoción de la salud:** glosario. Genebra: OMS, 1998.

PLATAFORMA BRASIL. **Sobre a Plataforma Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>. Acesso em: 17 mar. 2022.

PONTA GROSSA. **Decreto nº 17.147, de 21 de março de 2020**. Dispõe sobre a suspensão de atividades sujeitas à aglomeração de pessoas no âmbito do Município de Ponta Grossa, em complemento aos Decretos Municipais nº 17.077/2020 e 17.144/2020. Legislação Municipal de Ponta Grossa/PR, Ponta Grossa, 08 abr. 2020. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/p/ponta-grossa/decreto/2020/1714/17147/decreto-n-17147->

2020-dispoe-sobre-a-suspensao-de-atividades-sujeitas-a-aglomeracao-de-pessoas-no-ambito-do-municipio-de-ponta-grossa-em-complemento-aos-decretos-municipais-n-17077-2020-e-17-144-2020. Acesso em: 01 jan. 2021.

PONTA GROSSA. **Decreto nº 17.258, de 22 de abril de 2020.** Dispõe sobre a suspensão de atividades sujeitas à aglomeração de pessoas no âmbito do Município de Ponta Grossa, em complemento aos Decretos 17.207, de 03/04/2020, 17.211, de 06/04/2020, 17.242, de 09/04/2020, 17.243, de 09/04/2020 e 17.255/2020. Legislação Municipal de Ponta Grossa/PR, Ponta Grossa, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/p/ponta-grossa/decreto/2020/1726/17258/decreto-n-17258-2020-dispoe-sobre-a-suspensao-de-atividades-sujeitas-a-aglomeracao-de-pessoas-no-ambito-do-municipio-de-ponta-grossa-em-complemento-aos-decretos-17207-de-03-04-2020-17211-de-06-04-2020-17242-de-09-04-2020-17243-de-09-04-2020-e-17255-2020-2020-04-22-versao-original>. Acesso em: 01 jan. 2021.

PONTA GROSSA. **Decreto nº 17.689, de 28 de agosto de 2020.** Dispõe sobre alterações para as atividades sujeitas à aglomeração de pessoas no âmbito do Município de Ponta Grossa, e dá outras providências. Legislação Municipal de Ponta Grossa/PR, Ponta Grossa, 02 set. 2020. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/pr/p/ponta-grossa/decreto/2020/1768/17689/decreto-n-17689-2020-dispoe-sobre-alteracoes-para-as-atividades-sujeitas-a-aglomeracao-de-pessoas-no-ambito-do-municipio-de-ponta-grossa-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 01 jan. 2021.

RIBEIRO JR., J. C. **Futebol Pontagrossense:** recortes da história. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2004.

WACQUANT, L. **Corpo e alma:** notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ZANINI, D. **Etnografia em mídias sociais.** In: SILVA, T.; STABILE, M. Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações. São Paulo: Uva Limão, 2016. p. 163-186.